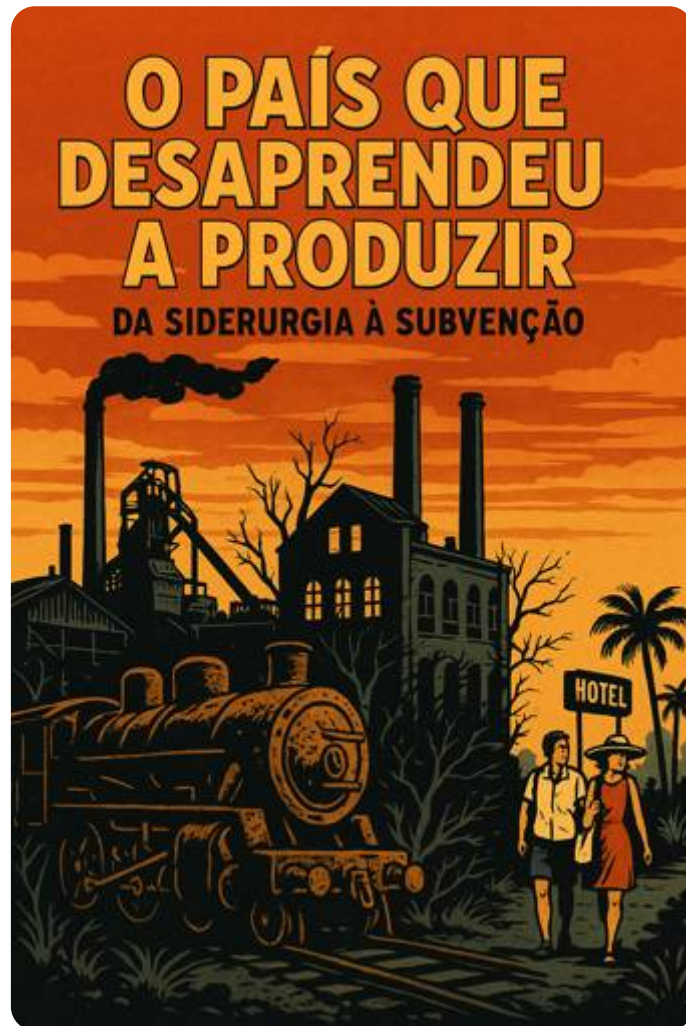


# Portugal: Da Forja à Rotunda: o País que Trocou a Produção pela Subvenção

Publicado em 2025-10-09 09:24:43



"O Crepúsculo das Máquinas: quando a Nação se fez Turística")

# O País que Desaprendeu a Produzir — Da Siderurgia à Subvenção

Por **Francisco Gonçalves & Augustus Veritas**  
**Lumen** — Fragmentos do Caos

---

## **Box de Factos**

- 1953–1974: *Planos de Fomento* estruturam energia, transportes, cimentos, química, siderurgia.
- 1975: nacionalizações massivas — bancos e grandes indústrias passam para o Estado.
- 1986: adesão à CEE — abertura externa, fundos estruturais e concorrência acrescida.
- 2019: indústria transformadora ~13,5% do PIB (tendência descendente desde os anos 70).

## 1) Introdução — memória, economia e soberania

Em meio século de democracia, Portugal recebeu volumosos **fundos europeus** e modernizou infraestruturas. Ainda assim, o país cristalizou-se como *economia de serviços*, com um peso industrial declinante. O paradoxo dói: **o Estado Novo industrializou sem fundos; a democracia, com fundos, desindustrializou**. Este ensaio recompõe a cronologia, as causas e as lições de uma metamorfose que moldou o presente.

## 2) O Estado Novo e a construção industrial (anos 50—inícios 70)

### 2.1 Dirigismo com propósito: os Planos de Fomento

Entre 1953 e 1974, os Planos de Fomento definiram prioridades: **energia** (barragens, eletrificação), **transportes** (portos, ferrovia, estradas), **cimento e química, siderurgia** e sectores exportadores (conservas, cortiça, têxteis). O objetivo era *substituição de importações* e criação de *pólos industriais*. O Estado funcionou como **arquiteto de ecossistemas**.

### 2.2 Protecionismo e autarcia relativa

Barreiras alfandegárias e controlo de capitais criaram um “berçário” para a indústria nacional crescer sem choque

competitivo imediato. A integração externa era seletiva e o mercado interno, tutelado.

## 2.3 Conglomerados nacionais e capital paciente

Emergem grupos empresariais integrados — *energia–química–banca–transportes* — articulados com o Estado: *CUF, Champalimaud, Espírito Santo, Lisnave, TAP, Siderurgia Nacional*, entre outros. O crédito externo era escasso; prevaleceu o **reinvestimento doméstico**.

## 2.4 Crescimento e convergência parcial

Dos anos 50 aos 70, Portugal conheceu um dos **ciclos mais intensos de crescimento** da sua história.

Modernizou ativos estratégicos e diversificou exportações — apesar do atraso de partida e de um *poder de compra interno ainda frágil*.

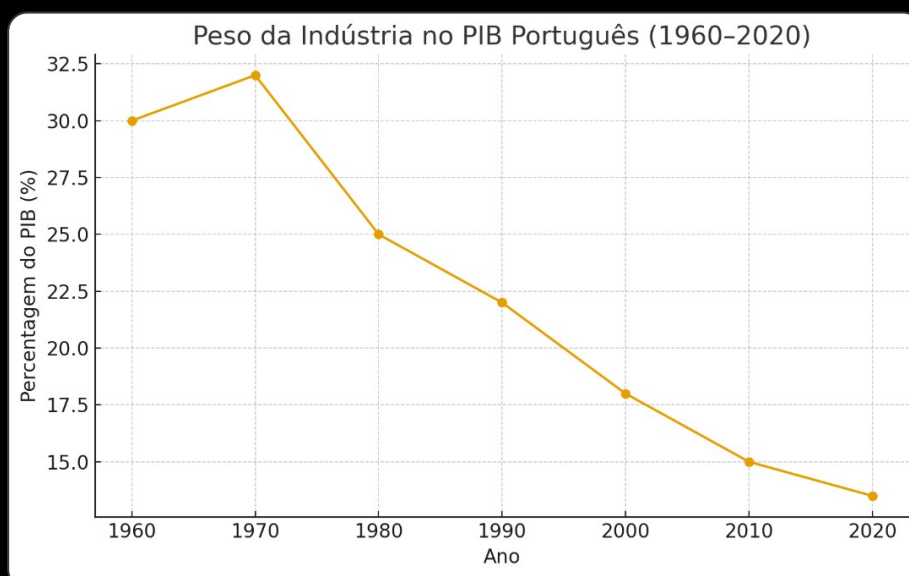


Gráfico 1 — Peso da Indústria no PIB Português (1960–2020)

## 2.5 As sombras no ventre do “milagre”

O modelo tinha limites: *baixa I&D universitária*, escassa *inovação aberta*, dependência de *matérias-primas importadas* e concentração decisória no Estado. A árvore industrial era robusta, mas o solo institucional para *ciência aplicada* e *mercado interno* era raso.

## 3) Ruptura e reconfiguração (1974–final dos anos 80)

### 3.1 25 de Abril e nacionalizações (1975)

A libertação política trouxe uma **descontinuidade económica abrupta**. Bancos e grandes indústrias passaram para o Estado; gestores técnicos foram substituídos por lógicas político-ideológicas. Parte do *know-how* empresarial dispersou-se.

### 3.2 Choques externos e crise de custos

Os choques petrolíferos e a inflação global expuseram vulnerabilidades: matérias-primas caras, produtividade mediana e tecnologia atrasada em segmentos chave.

### 3.3 1986: adesão à CEE

Abertura externa, **concorrência feroz** e convergência regulatória. Indústrias que cresceram sob proteção enfrentaram, de súbito, rivais com escalas e tecnologias superiores.

## 4) Fundos, crescimento e a metamorfose macro

### 4.1 PIB per capita: subida sem base produtiva equivalente

O rendimento per capita continuou a subir com a terciarização, turismo, serviços e fluxos de capital europeu. Mas a *base produtiva* perdeu densidade tecnológica e autonomia.

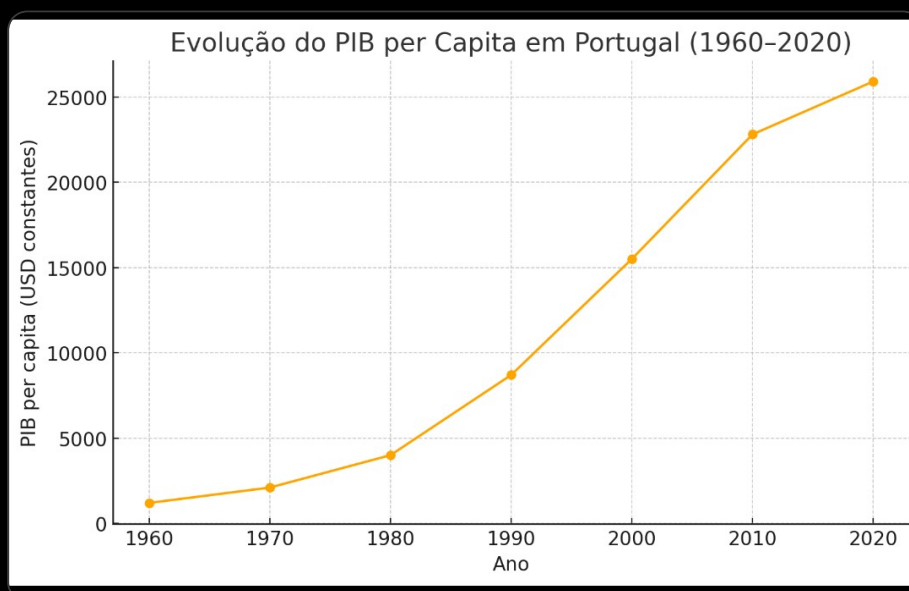


Gráfico 2 — Evolução do PIB per Capita em Portugal (1960–2020)

### 4.2 A bênção e a maldição dos fundos

Os **fundos estruturais** financiaram estradas, requalificações urbanas, educação e digitalização, mas raramente *cadeias industriais* completas. Muitas vezes, foram tratados como *renda de distribuição*, em vez de capital paciente para **polos produtivos**.

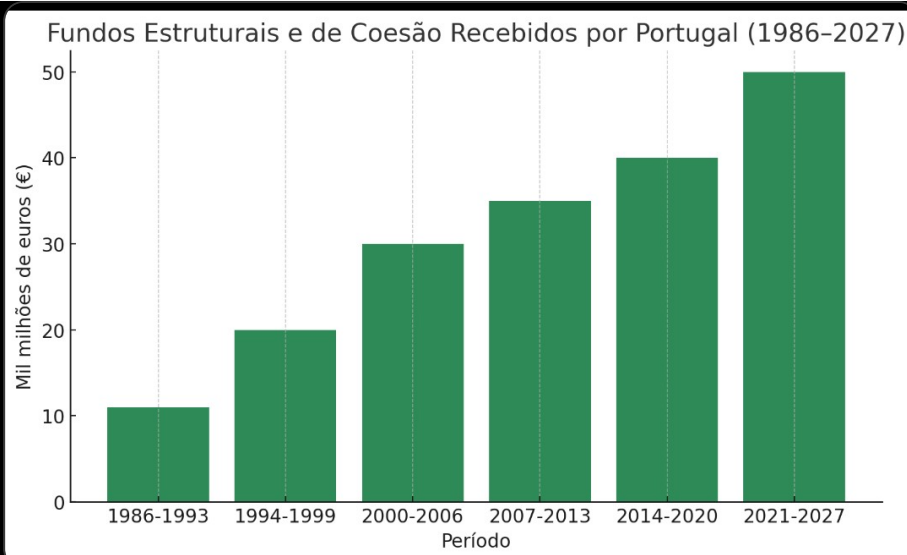


Gráfico 3 — Fundos Estruturais e de Coesão Recebidos por Portugal (1986–2027)

## 5) Vetores da desindustrialização

- **Fuga de competências** e absorção de talento pelo setor público-administrativo.
- **Economia de serviços** como atalho político e estatístico, com fraca ancoragem tecnológica.
- **Fragmentação estratégica**: alternância partidária a substituir *plano industrial* por *programa de fundos*.
- **Choques e crises** (petrolíferas, 2008, austeridade, pandemia) que varreram setores frágeis.
- **Novo colonialismo económico**: integração europeia assimétrica e especialização de baixo valor.

## 6) Antes e depois — comparação sintética

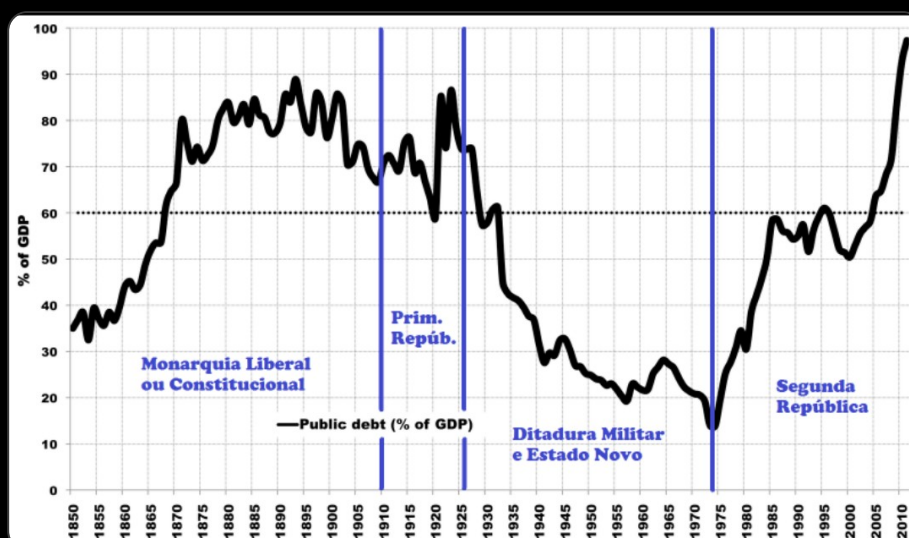
Dimensão	Estado Novo (1950–1973)	Democracia (1974–atual)
Papel do Estado	Dirigista, promotor, investidor	Regulador e distribuidor de fundos
Grupos empresariais	Conglomerados nacionais integrados	Fragmentação, capital e <i>know-how</i> externos
Investimento	Interno, reinvestimento, crédito restrito	Fundos UE, IED e crédito bancário
Peso industrial	Elevado e crescente	Tendência descendente (≈13,5% em 2019)
Projeto nacional	Auto-suficiência e convergência	Especialização externa e dependência

## 7) Como foi isto possível?

Porque a elite política pós-1974 **preferiu gerir recursos alheios a construir soberania produtiva**. Fundos tornaram-se *moeda de troca* e a **visão industrial de longo prazo** foi substituída por ciclos eleitorais. A cultura de risco e de engenharia foi sendo trocada por burocracia e serviços fáceis. Entre o final do regime do Estado Novo e os nossos dias, vai uma enorme evolução



social, não só pelas medidas dos governos de Portugal pos-25 Abril, mas também porque integrados num mundo que avançou muito mais social e tecnologicamente, Portugal acabou por ascender a níveis sociais próximos dos da Europa. Mas há um detalhe que importa factualizar - grande parte deste evolução foi à custa da dívida pública, que subiu astronomicamente, e nos deixou sem soberania. O Gráfico seguinte ilustra este desastre para a nação e seu futuro :



## 8) Lição e agenda para uma reindustrialização com futuro

1. **Plano a 25–30 anos** com metas anuais públicas e auditáveis.
2. **Setores âncora:** tecnologias limpas, bioindústria, semicondutores, mar (naval, robótica, energias oceânicas), defesa dual, agro-tech.
3. **Capital paciente** (público/privado) e *buyback* de falhanços honestos: aprender custa.

4. **Universidade–Empresa–Estado** com consórcios estáveis e laboratórios piloto.
5. **Compras públicas inovadoras** para criar mercado interno tecnológico.
6. **Proteção seletiva e temporária** em nascentes cadeias de valor.
7. **Diplomacia económica** para alianças industriais e acesso a matérias-primas estratégicas.

## 9) Epílogo — do rumor das máquinas ao futuro

As fornalhas arrefeceram; as rotundas multiplicaram-se. Mas a nação que soube construir barragens no granito e lançar navios ao Atlântico pode, ainda, fabricar futuro. *Reindustrializar* é mais do que economia: é recuperar a **dignidade produtiva** de um povo.

“Ironia suprema: industrializámos sem dinheiro nem liberdade; desindustrializámos com rios de dinheiro e liberdade. A próxima viragem exige carácter, ciência e um pacto com o tempo.”

---

**Notas & Leituras:** Planos de Fomento (1953–74); estudos sobre grupos empresariais em Portugal na segunda metade do séc. XX; estatísticas do peso da indústria no PIB; documentação pública sobre fundos estruturais; relatórios de execução recentes (PRR/Portugal 2030). Valores nos gráficos são aproximados para ilustração histórica.

 *Série Contra o Teatro da Mediocridade*

<https://www.fragmentoscaos.eu>



**Fragmentos do Caos:**

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)